

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
IMAGENS DE JAVIER CODESAL
JAVIER CODESAL CONVERSA COM PEDRO COSTA
22 de Fevereiro de 2025

AS FILHAS DO FOGO / 2023

Um filme de Pedro Costa

Realização, Argumento: Pedro Costa / Direcção de Fotografia: Leonardo Simões / Música: Marcos Magalhães / Som: Hugo Leitão / Montagem: Vítor Carvalho e Hugo Leitão / Com: Alice Costa, Karyna Gomes, Elisabeth Pinard.

Produção: Clarão / Produtora: Marta Mateus / Cópia digital, colorida, legendada em português / Duração: 8 minutos / Estreia comercial em Portugal: 10 de Outubro de 2024.

A origem de **As Filhas do Fogo** está num espetáculo com o mesmo título que Pedro Costa encenou com *Os Músicos do Tejo*, em 2017. Sem ser uma restituição do espectáculo, é uma espécie de mutação dele, volvido em pequeno ensaio musical que tem todo o aspecto de vir a ser ele próprio, um trampolim para outras e futuras mutações. O que tem origem no palco passa aqui, literalmente, ao ecrã, ou mais precisamente aos três ecrãs, “split screen”, em que o enquadramento se divide durante grande parte do tempo. Em cada ecrã uma presença humana, uma figura feminina, e as três cantam, interpelam-se, escutam-se ou não se escutam, numa relação criada pela montagem e pelo paralelismo – muito godardianamente, “one plus one plus one”. Desde **Ne Change Rien** (filme com Jeanne Balibar, bem longe do vulcânico universo caboverdiano) que Pedro Costa não fazia um filme tão inteiramente composto sobre a música e as canções (a música e as canções que em todos os seus filmes, embora por norma empregues com outro tipo de cirúrgica precisão, têm um peso e uma importância muito significativos).

As Filhas do Fogo começa no escuro e no silêncio. Aos primeiros sinais do rumor da banda de som, “fiat lux” e “fiat umbra”, faça-se luz e faça-se sombra, para revelar o ecrã em tríptico, três enquadramentos em coexistência geometricamente rigorosa. A figura do ecrã do lado esquerdo canta enquanto caminha diante dum fundo de estilhaços luminosos que sugere lava incandescente, a do lado direito está semi-escondida por trás de uma porta, um clarão a iluminar-lhe o rosto quase sempre em silêncio excepto quando, como se fosse um coro, responde ou parece responder à canção da primeira. A do enquadramento ao centro começa prostrada sobre uma encosta vulcânica – lembra alguns dos mais famosos planos da **Casa de Lava**, com Inês de Medeiros – e vai-se erguendo, sempre em silêncio, para acabar de pé, uma linha recta a ligar o chão ao céu crepuscular. A canção é um lamento em crioulo, musicalmente compósito, que fala de morte, sofrimento, solidão, cansaço, trabalho, renascimento. Quando a canção acaba e as mulheres desaparecem da imagem, vêm planos de **A Erupção do Vulcão da Ilha do Fogo**, o filme de Orlando Ribeiro que Pedro Costa já tinha usado na **Casa de Lava**

(mas não os mesmos planos que usou então), outra rima com esse filme. As últimas imagens, que mostram um grupo de pessoas diante duma casita na encosta do vulcão, reforçam a rima, mas também aproximam **As Filhas do Fogo** de **Vitalina Varela**, a última longa-metragem do realizador, que terminava num regresso a Cabo Verde e com um plano da construção de uma casa. Ideia a confirmar quando chegar o momento, mas é uma rima (a dos “regressos”, a Cabo Verde e a **Casa de Lava**) que parece trazer uma sugestão forte do próximo passo do cinema de Pedro Costa.

Luís Miguel Oliveira